

## LIÇÃO 3 O NOVO NASCIMENTO

**TEXTO ÁUREO:** “*Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo*” (Jo 3.7).

**LEITURA BÍBLICA: JOÃO 3.1-8**

### INTRODUÇÃO

Além de relatar com exclusividade alguns dos milagres operados por Jesus, o Evangelho de João também registra as memórias particulares deste apóstolo sobre alguns diálogos e discursos de nosso Senhor que estão completamente ausentes dos outros evangelhos. E, assim como os milagres, as palavras de Jesus aqui apresentadas demonstram que Ele é o Cristo, o Filho de Deus, pois nenhum outro poderia ter revelado as verdades celestiais de modo mais perfeito, sublime e impactante.

### I – JESUS E NICODEMOS (VV. 1-8)

O diálogo que temos registrado neste capítulo certamente se deu enquanto Jesus ainda estava em Jerusalém, por ocasião da páscoa. Lembremos que o capítulo anterior se encerrou com a intrigante colocação de que o Senhor não confiava em muitos dos judeus que “creram no seu nome” (2.23), porque Ele sabia o que realmente havia em seus corações. Assim, à luz desse pequeno contexto, o diálogo que se segue demonstra a *total incapacidade humana de compreender e participar* da obra que Cristo veio realizar neste mundo, a menos que isto seja concedido ao homem como um *dom de Deus*.

Desta feita, Jesus é procurado por um fariseu chamado Nicodemos que era “príncipe dos judeus” – ou seja, um líder do seu povo. Este homem vem até Jesus como um judeu que havia recebido de bom grado os sinais que o Senhor operava: “*Bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele*”. Esta confissão representa o máximo que se podia esperar ouvir de homens religiosos, que ansiavam pela manifestação do Messias e do seu reino. Sem dúvida, eles desejavam saber o que precisavam *fazer* para entrar nesse reino. Jesus apresenta, sem rodeios, uma única condição: “*Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus*”. E, em uma segunda resposta, Ele dá o verdadeiro sentido desta palavra: “*Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus*”. Realmente, não é possível ao homem entrar no ventre de sua mãe e nascer de novo segundo a carne; aliás, ainda que fosse possível, seria inútil, pois *carne* só pode gerar *carne* – vida natural e terrena. Existe, porém, uma realidade completamente distinta e superior, que o homem não pode alcançar a menos que seja gerado para ela; é a realidade do *espírito*, de uma vida recebida do alto, de Deus, como *luz* que ilumina o entendimento e que leva a uma fé genuína em Cristo Jesus (1.12-13; 1 Jo 5.1). Esta é a verdadeira vida, a vida eterna (Jo 5.24; Ef 2.5-6).

Mas talvez a maior surpresa de Nicodemos se deva ao fato de que, ao invés de propor um método para entrar no reino de Deus, o Senhor simplesmente diz que não há *nada* que o homem possa fazer para alcançar a vida eterna, mas isto depende de um ato alheio à sua vontade, um ato da soberana e livre graça de Deus (Ef 2.8-9; Tt 3.4-7). Por isso também Jesus compara esta obra à atuação do vento, que todos podem sentir e perceber, mas ninguém é capaz de controlá-lo ou predizer seus movimentos: “*Assim é todo aquele que é nascido do Espírito*”.

### II – JESUS TESTIFICA DAS COISAS CELESTIAIS (VV. 9-13)

A partir do verso 11, o diálogo se torna num discurso em que o Senhor revelará aspectos ainda mais profundos acerca da salvação. Por mais que a doutrina do novo nascimento parecesse

desconcertante para um sábio como Nicodemos, a linguagem que Jesus havia usado era tão simples e acomodada à compreensão humana que Ele afirma estar falando *de coisas terrenas*. Mas, mesmo assim, os judeus não conseguiam entender e, no fundo, não criam no testemunho de Cristo. Por outro lado, os discípulos, mesmo não entendendo muitas coisas, criam e confiavam na palavra de Cristo: “*Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna*” (Jo 6.68). Naturalmente, isso não provinha de alguma capacidade especial destes homens, mas de Deus, que soberanamente lhes havia dado compreender os *mistérios do reino dos céus* (Jo 16.25, 29-30; cf. Mt 13.10-17).

No verso 13 nos deparamos com uma expressão muito importante, que ressalta a grandeza de Jesus sobre todos os enviados da parte de Deus que O antecederam, inclusive João Batista. Deus falou a todos estes homens por meio de revelação, trazendo a palavra desde o céu até eles na terra. Cristo, porém, testifica daquilo que conhece de forma direta e perfeita – não por revelação, mas por eterna comunhão com o Pai (Jo 1.18). Por isso o Seu testemunho acerca das coisas celestiais é como o de alguém que *as sabe e as viu*, e, mesmo estando na terra, testifica com a propriedade daquele que ainda está no céu (Jo 3.30-35).

### III – A MORTE DE JESUS TRAZ VIDA AO MUNDO (vv.14-21)

A comparação que se segue com a serpente de bronze levantada no deserto tem o propósito de engrandecer ainda mais a obra de Cristo, como superior ao que Moisés fizera pelos israelitas (Nm 21.8-9). Desta vez, o próprio Jesus seria levantado – referindo-se à Sua morte na cruz – para dar a *vida eterna* a *todos* os que cressem. Aqui o Senhor revela que a obra do novo nascimento, sendo um ato da soberana vontade de Deus, foi confiada ao Filho para que fosse assegurada, ou tivesse o seu fundamento estabelecido, pela Sua morte sacrificial – de modo que a Sua morte é a fonte da vida do mundo (Jo 6.51; 10.11).

Mas a grandeza desta obra se mostra ainda mais pelo fato de que Deus agora faria uma provisão não apenas por Israel, mas pelo *mundo*. Esta é uma palavra que pode ter mais de um significado em João, mas aqui consideremos apenas que se trata de *homens dentre todos os povos*. São aqueles que de fato eram do mundo e amavam as trevas, mas o Pai os escolheu e os destinou à vida eterna, entregando-os aos cuidados de Seu Filho (Jo 17.2, 6, 9, 16). Como prova de que fez isto movido pelo Seu amor, o Pai entregou aqu’Ele que é a expressão máxima desse amor – Seu próprio Filho Unigênito (1 Jo 4.9-10; Rm 5.8-10).

Assim sendo, o Filho veio ao mundo para *salvar* os homens da condenação, e não o contrário. A condenação, portanto, está em não receber a *luz* que foi manifestada em Cristo Jesus, ou, em outras palavras, em permanecer nas *trevas* do pecado e ignorância que representam o estado natural de todo o homem que vem ao mundo – e esta já é a sua condenação (Jo 3.36). Aqueles que estão em trevas nunca compreenderão e virão para a luz (Jo 1.5; cf. 2 Co 4.3-4), a menos que suas obras sejam feitas em Deus; e, para fazer as obras de Deus é necessário *nascer de novo*.

### CONCLUSÃO

O primeiro diálogo e discurso registrado neste Evangelho esclarece muitas verdades fundamentais sobre a natureza da salvação e a importância da obra de Cristo para torna-la uma aquisição segura para todos os que n’Ele creem. Também revela que tudo isto é um *dom* maravilhoso que Deus concede aos homens de modo livre e soberano, por Sua graça e amor, e não por mérito ou recompensa de nossas obras.